RACISMO E ENVELHECIMENTO DA MULHER NEGRA NO CONTEXTO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NO BRASIL

Glaucejane Galhardo da Cruz de Castilho[1]
Iran Nunes de Maria Leitão Nunes[2]

RESUMO
O artigo objetiva contribuir para a discussão da temática racismo, envelhecimento e velhice da mulher negra no contexto das desigualdades sociais no Brasil, considerando a questão do racismo estrutural, que também cria as desigualdades de gênero na sociedade. Toma-se como referências bibliográficas os autores: Caio Prado Jr (1942), Bourdieu (1998), Davis (2016), Munanga (2020), Santos (2016), Motta (1999) e Beauvoir (1990), dentre outros. Compreende-se o tema a partir de uma análise bibliográfica, considerando os estudos sobre o envelhecimento e velhice esta última como uma experiência subjetiva e uma construção social e sociocultural. Na perspectiva da formação da sociedade brasileira, o texto apresenta algumas considerações sobre a escravização das mulheres negras, e revela que elas, na velhice, ainda hoje têm suas vidas carregadas de estereótipos. Além daqueles comumente associados ao fenótipo, somam-se aqueles relacionados à idade, cujas atitudes e comportamentos negativos objetivam expropriá-las de sua dignidade, o que buscou-se dar visibilidade.

palavras-chave: Mulheres negras; Envelhecimento; Velhice; Racismo.

ABSTRACT
The article aims to contribute to the discussion of the theme racism, aging and old age of black women in the context of social inequalities in Brazil, considering the issue of structural racism, which also creates gender inequalities in society. The following authors are used as bibliographical references: Caio Prado Jr (1942), Bourdieu (1998), Davis (2016), Munanga (2020), Santos (2016), Motta (1999) and Beauvoir (1990), among others. The theme is understood from a bibliographical analysis, considering studies on aging and old age, the latter as a subjective experience and a social and sociocultural construction. From the perspective of the formation of Brazilian society, the text presents some considerations about the enslavement of black women, and reveals that they, in old age, still have their lives loaded with stereotypes. In addition to those commonly associated with the phenotype, there are those related to age, whose negative attitudes and behaviors aim to expropriate them of their dignity, which sought to give visibility.

keywords: Black women; Aging; Old age; Racism.

1 INTRODUÇÃO

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: glaucejane.galhardo@discente.ufma.br
[2] Profa. Dra. do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: iran.nunes@ufma.br

A mulher negra faz parte de um contingente invisibilizado e cercado de estereótipos que a segrega em um mundo marcado, historicamente, por modosde ser e de viver que tendem a inferiorizá-la ou desqualificá-la em um sistema de hierarquização social fundamentado no racismo. Em se tratando das mulheres negras velhas[3], sobretudo pobres, esses estereótipos são reforçados pela sua condição de pobreza, cujo envelhecimento torna-se severo, considerando o acirramento das desigualdades sociais, adensado pela dificuldade em acessar as políticas sociais, hoje, especialmente pelo número de idosos/as[4] acometidos/as pela pandemia do coronavirus.

O artigo ora apresentado é resultado das discussões da disciplina Seminário de Pesquisa III - Intergeracionalidade, gênero e educação, vinculada ao Programa de Pós- Graduação em Educação, e tem como objetivo contribuir para a discussão da temática racismo, envelhecimento e velhice da mulher negra no contexto das desigualdades sociais no Brasil, instigando pensar que existe uma invisibilidade dessa questão, mesmo diante da institucionalização recente do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288, de 20 de Julho de 2010) e do avanço da Política Nacional Integral da Saúde da População Negra, instituída em 2017, como exemplos. Faz uma aproximação com a questão da escravidão das mulheres negras, considerando que as desigualdades presentes na sociedade brasileira na atualidade têm resquícios desse processo, que se organizou a partir de um sistema de exploração e opressão de corpos negros escravizados e envelhecidos por um "sistema" de "trabalho" degradante e humilhante.[5]

---

[3] O termo velha utilizado neste trabalho não é de forma pejorativa. Santos (2016) afirma que os não negros poderão associar esta expressão conforme sua classe social e relacioná-la a babá, empregadas domésticas, como exemplo, em razão da hierarquização racial e posição social existente no Brasil que impõem às mulheres negras (pretas e pardas) uma condição de subalternidade. Coaduna-se com a visão da autora ao afirmar que o temo "velha" diz respeito a força das mulheres negras como ancestrais, as que vieram antes e contribuíram para ressignificar o antes e o depois das mulheres na sociedade. (SANTOS, 2016, p. 44 e 45).

[4] Pelo termo idoso, pode-se entender todo e qualquer indivíduo acima de 60 anos de idade. Conceito criado na França em 1962, substituindo termos como velho e velhote, e foi adotado no Brasil em documentos oficiais logo depois. O idoso é o sujeito do envelhecimento. (PORTAL DO ENVELHECIMENTO, 2020)

[5] Convém registrar que não se desconsidera a envelhecimento da população não negra. A nossa pretensão é abordar a mulher negra considerando as formas de exploração, dominação e opressão as quais foram submetidas no sistema escravocrata e que, consequentemente do ponto de vista histórico, possibilitam o entendimento sobre o processo de envelhecimento e a velhice desta população de modo particular na atualidade a partir do marcador desigualdade social.

Apreende-se que pensar o envelhecimento das mulheres negras requerrefleti-lo sob a perspectiva da desigualdade de gênero e do racismo ainda encruados na sociedade de classe que, permeada de contradições, se alicerça a partir da opressão/exploração de homens e mulheres tendo como norte a expansão do capital. Considera-se, também, que as formas de envelhecimento e velhice de mulheres negras - sendo esta última permeada por experiências subjetivas e por uma construção social e sociocultural - dependem da sociedade as quais fazem parte.

O artigo toma como referências bibliográficas os autores: Caio Prado Jr (1942), Bourdieu (1998), Davis (2016), Munanga (2020). Santos (2016), Motta (1999) e Beauvoir (1990), dentre outros, além de documentos oficiais que subsidiam o estudo da temática. Ele está assim organizado: uma parte introdutória, em seguida, partindo de algumas considerações sobre a escravização das mulheres negras, trata sobre racismo, envelhecimento e velhice da mulher negra no contexto das desigualdades sociais no Brasil e, apresenta-se as conclusões do estudo.

As reflexões sobre a temática demandariam muitas outras, para além das aqui apresentadas, entretanto, consideramos significativo trazê-las à discussão, no desejo de contribuir para dar-lhe visibilidade e nos somarmos àqueles\as que buscam inseri-las nas discussões acadêmicas e no âmbito das políticas públicas.

2 RACISMO, ENVELHECIMENTO E VELHICE DA MULHER NEGRA NO CONTEXTO DAS DESIGULDADES SOCIAIS NO BRASIL: a naturalização do invisível.

Um sorriso negro, um abraço negro
Traz....felicidade
Negro sem emprego, fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade
(Sorriso Negro. Dona Ivone Lara,1999)

Compreender o envelhecimento das mulheres negras requer apreendê-lo à guisa dasanálises das desigualdades de classe, gênero e racismo, considerando a singularidade e a particularidade dessas mulheres. Isto é, compreendê-las enquanto sujeitos que, historicamente, à luz da formação da sociedade brasileira, têm sofrido

as desigualdades postas por uma sociedade capitalista, que se organizou economicamente em torno da escravização dos corpos negros.

Importa inferir que a exploração Colonial no Brasil modificou as formas de sociabilidade e deixou marcas profundas na organização econômica e sócio- política brasileira, com impactos na estrutura da sociedade reverberando no que hoje podemos caracterizar de racismo estrutural[6]. Conforme Prado Jr. (1942), esse sistema foi estruturado e sustentada por três pilares: escravidão, monocultura e o latifúndio. “Com o início da adoção do trabalho escravo africano,o colono europeu tomou a posse de dirigente e tornou-se grande proprietário rural” (PRADO JR.,1942, p. 24).

Pode-se dizer que esse sistema foi construído a partir de uma dominação simbólica em que a força do “senhor de escravos” foi alicerçada a partir de um modelo patriarcal de exploração e opressão. E, de acordo com Bourdieu (1998):

> A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos (BOURDIEU, 1998, p. 15)

Assim, na perspectiva da dominação simbólica, a dominação masculina foi legitimada pelo poder dado aos “senhores de escravos”. A sociedade admitiu e naturalizou a escravidão de homens e mulheres negros/as, por meio também de suas organizações institucionais, dentre elas o da Justiça, sendo materializada nas vivencias sociais como uma prática tolerada por todos.

A mulher negra nesse cenário foi subordinada a um sistema de dominação e opressão demarcado por uma época de exploração sexual e do trabalho, em que a

---

[6]. Para Silvio de Almeida (2019) o racismo é sempre estrutural. Não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo; o racismo institucional que está atrelado ao funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica conferindo, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça; e o racismo estrutural seria uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional

submissão absoluta a “casa grande” e as marcas deixadas pelo açoite dosfeitores as conduziram as maiores humilhações físicas e psicológicas que tornaram insuportável sua sobrevivência àquela época. Como exemplo, segundo Ângela Davis (2016) - mesmo considerando as análises expressas em seu livro Mulheres Raça e Classe sobre a escravização das mulheres negras norte-americanas, pode-se retratar as mesmas práticas no Brasil - as escravizadas eramobjetivadas, conduzidas à condição de reprodutoras, cujas gestações lhes davam o direito de tratamento “indulgente”, porém não por razões humanitárias, mas para garantir o nascimento de uma criança que mais tarde se tornaria escrava, valorizada tão qual ou inferior a um animal.

As mulheres negras escravizadas, ademais, sofriam com o estereótipo de terem corpos rijos, fortes, prontas para suportar a dor, forçadas ao trabalho em que “o custo de manutenção e exploração era menor do que a dos homens no auge da força física [...] obrigadas a trabalhar de modo “masculino”, um tabu para a teoria da feminilidade do século XIX. Ou seja, a ideologia da feminilidade não funcionava para as mulheres negras, pois eram tratadas como instrumentos de reprodução biológica e vistas para aumentar a renda econômica do seu proprietário. Contudo, estas mulheres foram sobreviventes e resistiam as barbaridades sofridas na escravidão. “Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina” (DAVIS, 2016, p. 34).

Diante da luta e resistência aos castigos físicos, violência psicológica, do trabalho duro e degradante na juventude, subtende-se que não era garantido a mulher escravizada qualquer sorte que lhe conferisse envelhecer no mínimo com condições de sobreviver na velhice, mesmo para aquelas submetidas ao trabalho doméstico, considerado “mais ameno”. Segundo Ferreira (2017), supõe-se que, com o avançar dos anos, homens e mulheres escravisados/as foram morrendo por causa da velhice e das doenças. E, de acordo com Pires:

> Inúmeras doenças e deformidades físicas e mentais estavam relacionadas à intensa e degradante condição do trabalho escravo imprimindo em seus corpos a dureza de suas condições de vida. Soma-se isso os castigos aplicados pelos senhores; as penalidades decididas no âmbito da lei, bem como as lesões corporais provenientes das brigas, desavenças e intrigas, sempre presentes no cotidiano desses segmentos e que contribuíram, decisivamente, para traçar este triste quadro. (PIRES, 2003, p. 64).

Destarte, que após ao fim da escravidão no Brasil, o “ex-escravo” foi excluido, marginalizado, sem qualificação educacional/profisisonal e largado nas periferias das cidades.

À guisa, vê-se que a análise sobre o envelhecimento da mulher negra nosdias atuais passa pela compreensão de como historicamente as mulheres escravizadas eram subordinadas ao sistema escravocrata de base patriarcal, de certo modo “reatualizado” com o acirramento de mecanimos, como exemplo, o racismo, o sexismo e o machismo, que se expressam na sociedade capitalista para manter os eixos de dominação e opressâo de mulheres pobres e negras na condição de sujeitos subalternos, particularmente.

Considerando a historiografia sobre a escravidão e as mazelas causadas por este sistema, que deixou marcas indeléveis e profundas, vê-se que esse processo atinge a qualidade de vida das mulheres negras e contribue para a manutenção dos níveis de desigualdade social e econômica no presente. Também demonstra que o estado brasileiro, por meio das políticas públicas, ainda não efetivou o direito da população negra envelhecer com dignidade, cuja materialização ocorre por meio do racismo estrutural e da discriminação racial, com consequências à saúde e à garantia dos direitos humanos da população negra.

Destaca-se que para apreensão da discriminação racial faz-se necessário compreender o significado do racismo. Segundo Munanga (2020) há dificuldade para denotar o racismo, porque esse conceito não tem uma única definição; apresenta uma complexidade e uma dinamicidade que está no tempoe no espaço; sendo único em sua essência, em sua história, características e manifestações, além de múltiplo e diversificado. O autor assevera que não existe uma maneira mais fácil de abordar o racismo, pois ele se manifesta na sociedade como um problema social, engendrado e originado pelas diferenças existentes na própria sociedade. Então, todos os problemas da sociedade são sociais, inclusive os preconceitos e discriminações raciais que constituem apenas uma das modalidades do social.

O racismo, conforme Munanga (2017), consiste em "caracterizar um conjunto humano ou justificar um comportamento do indivíduo como sendo decorrente da “raça” (etnia) à qual pertencem usando atributos naturais/raciais, os quais seriam os principais elementos que caracterizam moral e intelectualmente cada indivíduo”. Logo, para o autor, o racismo se coloca como uma ideologia e seria formado pelo

pensamento racial, que coloca o domínio de um grupo sobre outro, como judeus, negros, muçulmanos, tendo como pauta única atributos negativos imputados a eles; em especial, com o uso de argumentos que se dizem científicos para afirmar essa divisão entre superiores e inferiores. E, na realidade, trata-se de relações de poder legitimadas pela cultura dominante, levando à discriminação e à perseguição daqueles considerados inferiores .

Demarca-se que ao se tratar da mulher negra há uma relação entre discriminação racial e processo de envelhecimento, considerando que este último incide diretamente sobre a velhice, aqui percebida como uma construção social. O envelhecimento é um processo natural e, segundo Papileu Netto e Carvalho (2006), é dinâmico e progressivo, no qual existemmodificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam a perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando uma maior vulnerabilidade e incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

Assim, as consequências do processo de envelhecimento, em regra, deveriam estar associadas à vida saudável e ativa. Porém, considerando as particularidades do envelhecimento da mulher negra, constata-se que na velhice tem-se uma combinação entre sofrimento, aumento da dependência física, isolamento social, dentre outros fatores que combinados ao racismo, com a desigualdade de gênero e com o aumento da pobreza - mesmo diante dos avanços na última década de programas sociais no Brasil, como a implementação do Bolsa Família ou na área da saúde em relação à criação de equipes da Estratégia de Saúdeda Família (ESF) que cuidam de idosos que vivem em comunidades - torna essa questão muito mais complexa.

A compreensão é de que ao se analisar as categorias racismo e suas variações, envelhecimento e velhice em relação à mulher negra toma-se um sentido particular, crivado de uma singularidade que condiciona a pensar essa questão a partir de uma intersecção. Essas estruturas analíticas, a partir de suasespecificidades próprias, são dinâmicas, construídas e passíveis de transformação, envoltas as múltiplas determinações e contradições próprias da sociedade de classe.

E, ainda sobre a discriminação racial, apreende-se

> como um tratamento diferenciado em função da raça, que coloca em desvantagem grupos raciais específicos. Discriminação racial significa

> qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência, baseados em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha por objeto ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou o exercício em condições de igualdades fundamentais no domínio político, econômico, social e cultural ou em qualquer outro domínio na vida pública (BRASIL, 1968).

É mister colocar que a discriminação racial está frequentemente relacionada à discriminação de gênero, cujas manifestações na vida das mulheres negras se dão de diferentes formas considerando os níveis de desigualdades econômica, social, política e de gênero sendo esta última

> um dos fatores que perpetua as heterogeneidades sociais, fundamentadas na diferença entre os sexos. Essa cristalização que circunda o senso comum subjuga as mulheres e favorecem imposições estigmatizastes prevalecentes nos contextos social, econômico, cultural e político, ganhando visibilidade nas constantes diferenças salariais, atribuições de cargos, funções e papeis (BEZERRA, 2016, p.52).

E, no que diz respeito à desigualdade quanto ao envelhecimento de mulheres negras, a III Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e Caribe (2012), realizada no Chile com apoio da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), apresentou dados significativos, dentre os quais: as mulheres negras são maioria como chefes de domicilio; maior envolvimento das mulheres negras nas atividades domésticas (inclusive na condição de ocupadas) do que brancas; a universalidade do sistema de seguridade social (previdência urbana, previdência rural, assistência social e as pensões por morte) cobria 77,3% da população idosa negra e 78,3% da branca. Aos 80 anos de idade e mais, 95,5% da população branca recebia algum benefício da seguridade social, enquanto a proporção comparável para os negros foi de 90,5%; mesmo com a redução da pobreza, a proporção da população negra pobre, idosa ou não, é mais elevada do que a branca. (SANTOS, 2016).

Outro retrato da desigualdade pode ser descrito nesses tempos de pandemia do Coronavirus. Um estudo brasileiro da Organização Gênero e Número (2020) conduzido por cientistas de várias universidades brasileiras, como a UNICAMP (Universidade de Campinas) e UNESP (Universidade Estadual Paulista) e publicado pela *Clinical Infectious Diseases* da editora da Universidade de Oxford, concluiu que mortes por Coronavirus são o dobro entre mulheres grávidas negras em relação

às brancas, no Brasil. O estudo demostrou que, entre as mulheres negras grávidas, a probabilidade de morrer de Covid-19 chegou a 17%, quase o dobro, das mulheres brancas grávidas com chance de morrer da doença, que é de 8,9%. Pode-se dizer que a razão por trás desta disparidade é o racismo estrutural, que perpassa também as ações e serviços de saúde, no contexto de racismo institucional.

Em relação aos velhos/as, de modo geral, a discussão sobre essa questão torna-se necessária, pois a pandemia do Coronavirus vem atingindo de forma especifica esta população, considerando as condições a que são postos diante da inabilidade do governo em desenvolver ações estratégicas que minimizem os impactos da doença sobre a suas vidas. Ademais, a pandemia veio acompanhada de preconceito em relação aos maiores de 60 anos, num misto de desrespeito, descarte e humilhação, a ponto de as autoridades governamentais brasileiras sugerirem o isolamento vertical, ou seja o isolamento apenas dos grupos de risco, dentre estes velhos e velhas, com impacto direto na vida dos/asvelhos/as pobres, negros e periféricos, cujas políticas públicas estão longe de alcança-los/as. Assim,

> os dados só fizeram confirmar: a doença causada pelo coronavírus no Brasil mata mais as pessoas negras e pobres. Com a evolução da epidemia no país, morreram pobres na linha de frente do tratamento à covid-19, trabalhadores de serviços essenciais e informais, trabalhadores que não puderam deixar de trabalhar, além de pessoas pobres idosas e com comorbidades, com acesso desigual ao sistema de saúde (BBC BRASIL, 2020).

Para Gomes (2020), “essa realidade é fruto de uma perversidade histórica e estrutural ativamente produzida que, no contexto de exacerbação do neoliberalismo e da crise sanitária, revela a imbricação entre raça, pobreza, saúde pública e Estado.”

Então constata-se que a pandemia do Coronavirus matou, atingiu e vem atingindo mais pessoas pobres e negras e, nesta perspectiva, as mulheres negras velhas entram na estatística,considerando a precariedade em que vivem e sobretudo pelas comorbidades e o acesso desigual ao sistema de saúde. Envelhecer e ser velho/a nestas circunstâncias são frutos de um modelo de opressão e submissão adensado no sistema de escravidão colonial e no mito da democracia racial, ideologicamente elaborado e fortalecido no início do século XX, por meio dos estudos sobre eugenia e, em décadas subsequentes retratado como uma verdade absoluta

cujo penamento ainda contribui para fortalecer as desigualdades raciais no Brasil. A materialização do racismo estrutural é importante para a manutenção das formas de dominação do capital, dentre este o racismo que se processa nos espaços institucionais, na sociedade e no desenvolvimento das políticas públicas, em especial na engenharia institucional do SUS, como exemplo. Ou seja o capitalismo "bebe" do racismo e do patriarcado para manter-se enquanto uma estrutura de desigualdade social e racial.

Assim a combinação racismo/envelhecimento das mulheres negras é percebido de modo singular, com impactos diretos sobre as suas velhices e diz respeito às formas como esses sujeitos serão entendidos no contexto das relações sociais. Nilza Santos (2016) constata que "o processo de envelhecimento para as mulheres negras pode reforçar desigualdades, pois, além da discriminação de gênero, raça e classe social (geralmente, pertencem às camadas sociais mais pobres da população), agrega-se uma outra dimensão: a idade". (SANTOS, 2016. p.47), como uma dimensão cronológica.

Entretanto, mesmo considerando as particularidades da mulher negra no processo de envelhecimento, demarca-se a necessidade sobre o entendimento do conceito de velhice, como uma experiência subjetiva, cronológica e uma construção social dependendo do caráter sociocultural das sociedades e geração, embora entende-se a relevância das questões demográficas e/ou econômicas como aspectos necessários para justificar a formulação e implementação de políticas públicas voltadas para a pessoa idosa. Então, "ser velho é uma situação vivida em parte homogeneamente e em parte diferencialmente, de acordo com o gênero e a classe social dos indivíduos em um grupo de idade ou geração" (MOTTA, 1999, p. 191).

Desse modo, entende-se também, que a velhice da mulher negra tem uma dimensão existencial, que modifica a relação da pessoa com o tempo, gerando mudanças em suas relações com o mundo e com sua própria história, sendo fundamental a experiência dessas mulheres, como pontua Motta (1999), "há diversidade de experiências de gênero e esta depende da valorização social de cada um desses aspectos e/ou da vivência que se tem deles. Há, então, hierarquias internas a cada dimensão (MOTTA, p. 197, 1999).

Destarte, que esses conceitos – envelhecimento, velhice ou experiências –

coadunam-se e estão postos na vida social e estruturam-se na sociedade de classe, em que idade/ geração e raça/etnias também fazem parte. Tornam-se, então interseccionais ou co-extensivos, sendo determinantes nas relações sociais e realizam-se no cotidiano, pois carregam historicidade.

> Essas dimensões expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias. Provisórias, porque na dialética da vida os lugares sociais se alternam, as situações sociais desestruturam-se e reconstroem-se em outros moldes. Do ponto de vista de cada indivíduo ou grupo, isto significa a múltipla pertinência de classe, de sexo/gênero, de idade/geração e de raça/etnia, com a formação de subjetividades ou de identidades correspondentes. (MOTTA, 1999, p. 193).

De modo particular, sendo o processo de envelhecimento da mulher negra crivado de discriminação racial e de discriminação de gênero, reverberando em uma velhice que se torna dura pelas expressões da desigualdade social e de gênero, conforme os dados apresentados, destaca-se a questão do envelhecer destas pessoas que sofrem preconceito social por meio também do idadismo entendido como “atitudes ou comportamentos negativos em relação a uma pessoa baseadas somente na sua idade“. (COELHO, GREENBERG, SCHIMEL & MARTENS, 2002: 27 apud COELHO, 2013). Esses comportamerntos associados aos estereótipos e preconceitos trazem consequências negativas para a vida dessas mulheres, ou seja, além da discriminação por idade dos mais novos em relação aos mais velhos, associa- se a isso questão do racismo por meio dessa discriminação

> como um mecanismo de exclusão social em que os interesses de uma pessoa, ou grupos de pessoas, não são alvo de igual consideração social, ou seja, têm tratamento desigual em relação a outras. As práticas discriminatórias não se prendem com estatuto legal, e podem ter como efeito a privação de direitos políticos, civis e sociais. (COELHO, 2013, p. 3).

Segundo Coelho (2013) a intergeracionalidade pode ser uma das estratégias efetivas de combate ao idadismo. Para a autora a atitude idadista está no indivíduo, mas também na sociedade que carrega valores culturais profundos e tem, portanto, uma dimensão coletiva e estrutural. “A intervenção no sentido da transformação dos estereótipos e preconceitos, para ser eficaz deverá tocar o nível societal, político: a alteração de atitudes idadistas passa, antes de mais nada, por uma mudança ideológica” (MARQUES, 2011, p. 94 apud COELHO, 2013, p.10).

Nesse sentido, a coeducação das gerações é um processo fundamental, pois considera a capacidade para aceitar as individualidades próprias da formação de cada sujeito inserido no seu tempo social, resulta em tolerância e um trabalho de convergência em busca de relações igualitárias, atendendo, mas nunca desconsiderando as diferenças entre as gerações. (OLIVEIRA, 1998).

Como pontua Nilza Santos (2016) ao citar Sueli Sousa Santos (2014)

> [...] dar voz a essas mulheres, resgatar suas narrativas de vida [...] seu papel fundamental na construção da sociedade brasileira, assim como na educação afetiva das gerações que sucederam desde o período da escravatura e que acredito, forjaram nossa forma brasileira de ser. A capacidade de resiliência do povo negro, suas condições criativas no enfrentamento das adversidades, são elementos determinantes do caráter afetivo e criativo de nosso povo. [...] acompanharam as transformações das relações de trabalho, da institucionalização da liberdade de credo na primeira metade do século XX, e principalmente, as lutas pela liberação sexual depois dos anos 60, seguramentenos trará uma riqueza documental sobre uma geração que não tem sido pesquisada, as sexagenárias e pós-sexagenárias negras. (SANTOS, 2014, p.1-2 apud SANTOS, 2016. p. 30).

E Simone de Beauvoir já dizia:

> Se um grupo procura apenas sobreviver ao dia a dia, tornar-se uma boca inútil é declinar. Mas se, misticamente ligado aos ancestrais, deseja uma sobrevivência espiritual, então, ele encarna o velho, que pertence ao mesmo tempo ao passado e ao além; [...]. É o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice [...]. (BEAUVOIR, 1990, p. 108).

No contexto das relações sociais, a velhice deve ser compreendida em sua totalidade e não é uma responsabilidade individual, pois depende da formulação e implementação de políticas públicas integrais nas áreas de educação, assistência social, saúde, habitação, emprego e renda, dentre outras por meio também do compromisso do estado em garantir as ações e serviços destinados a todos, sem discriminação.

Ademais, as questões colocadas demonstram a necessidade de se discutir o quanto “o racismo ainda impede o crescimento, o desenvolvimento e a equidade entre brancos e negros e impacta no cotidiano da mulher negra em todas as áreas e nos espaços onde a sociedade se organiza e movimenta.” (Santos, 2016). Os efeitos deletérios do racismo se espalham nas relações sociais contraditórias e historicamente situadas no campo de correlação de forças desiguais. Ainda é preciso

muita luta e resistência!

Como declama Conceição Evaristo (74 anos, mulher negra, romancista, poeta, contista e cheia de sabedoria) ... *A voz de minha bisavó; ecoou criança;nos porões do navio; Ecoou lamentos de uma infância perdida; A voz de minha avó ecoou obediência; aos brancos donos de tudo.* De fato, soa como um lamento, mas também como uma denúncia que expressa a necessidade de assegurar a dignidade e os direitos humanos da mulher negra, na possibilidade de libertação das opressões, da humilhação e da exploração que as castigam há séculos.

3 CONCLUSÃO

À guisa das questões postas neste artigo, a sociedade brasileira ainda precisa discutir com afinco a velhice como uma construção social e o envelhecimento da população, considerando os/as velhos/a na sua integralidade e singularidade no contexto das relações sociais. Nessa perspectiva, tendo em vista a necessidade de refletir sobre esse processo na vida da mulher negra, faz-se necessário percebê-lo a partir do adensamento dos problemas econômicos e sociais, que historicamente compõem a estrutura social do país e, de modo racional, apreender o racismo como um modelo de opressão inserido no cotidiano das pessoas e nas práticas institucionais.

O racismo impacta nos modos de ser e de viver das pessoas e vem deixando marcas indeléveis que colaboram para a subordinação e inferiorização das mulheres negras, dentre estas aquelas que se encontram na velhice.

Falar de envelhecimento das mulheres negras é colocar essa temática no seio do dito início processo civilizatório brasileiro, é apreendê-lo no contexto da formação de uma sociedade cujas normas possibilitaram a escravização de corpos negros, sob o julgo do patriarcado, do sexismo e do machismo. A escravidão legitimou e naturalizou a inferioridade e a violência; contribuiu para o fortalecimento da desigualdade racial e de gênero como feridas que marcaram e marcam a vida das mulheres negras.

Nesse norte, as mulheres negras, na velhice, até os dias atuais têm suas vidas carregadas de estereótipos, e, além daqueles comumente associados ao

fenótipo,somam-se aqueles relacionados à idade, cujas atitudes e comportamentos negativos objetivam expropriá-las de sua dignidade. Esse tema precisa estar em debate antirracista, razão pela qual buscou-se dar-lhe visibilidade.

Há várias formas de envelhecer e, como analisa Beauvoir (1990, p. 11), "nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisto que a velhice". Todos devem envelhecer com dignidade e qualidade de vida e, por extensão, que as mulheres negras velhas possam usufruir desse desejo e que se tornem visíveis.

Tendo em vista a amplitude do tema, este artigo não teve a pretensão de esgotá-lo, mas contribuir para a discussão sobre uma questão importante e atual.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L de. **Racismo estrutural**. Feminismos plurais. São Paulo. 2019.

AGÊNCIA P. G. **Mortes por covid-19 são o dobro entre mulheres grávidas pretas em relação a brancas no brasil, mostra estudo. Disponível em:** https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/mortes-por-covid-19-sao-o-dobro-entre-mulheres-gravidas-pretas-em-relacao-a-brancas-no-brasil-mostra-estudo**.** Acesso em 13 Dez. 2020**.**

BBC BRASIL. **Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobresno Brasil e no mundo?** Disponível em**:** https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421**.** Acesso em 17 de Dez de 2020.

BEAUVOIR, S. de**. A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEZERRA, J F et al. Conceitos, causas e repercussões da violência sexual contra a mulher na ótica de profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Promoção e Saúde. Fortaleza, 2016.**

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand.1988.60p.

BRASIL, **Convenção Internacional sobre eliminação de todas as formas de discriminação racia**l; 1968. Acessado em 16.12.2020

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D65810.html.

COELHO, C., **Idades apartadas**: pensar o idadismo e a intergeracionalidade, in: Pereira, J. e outros (Coord.) Animação Sociocultural, Gerontologia e Geriatria, A Intervenção Social, Cultural e Educativa na Terceira Idade. Intervenção - Associação para a promoção e divulgação cultural, Chaves, 2013. pp. 63-72.

DOSSIÊ MULHER**. Violência contra as mulheres - Rio de Janeiro (Estado**) - Estatísticas. 2. Crime contra as mulheres - Rio de Janeiro (Estado) - Estatísticas.

GOMES, N L. **Racismo e o novo coronavirus no Brasil**. Disponivel em https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/Racismo-e-novo-coronav%C3%ADrus-armas-mort%C3%ADferas-no-Brasil, Acesso em 20 de Dez 2020.

MUNANGA, K. "As ambiguidades do racismo à brasileira". *In*: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs.). O racismo e o negrono Brasil: questões para a psicanálise**.** São Paulo: **Perspectiva***, 2017. p. 33-44.(cap. 1).*

MUNANGA, K. **Teoria social e relações raciais no Brasil** contemporâneo, USP,2020. Disponível em: http://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf, acesso em 15 Nov.

PESQUISA DA TRIWI, CONSULTORIA EM MARKETING DIGITAL. Disponível em: digitalhttps://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/trabalho/24-das-empresas-nao-tem-funcionarias-negras-diz-pesquisa-1-em-4-nao-tem-mulheres-em-cargos-de-chefia/. Acesso em Dez 2020.

PIRES, M. F. N. **O crime na cor**: escravos e forros no alto sertão da Bahia –1830-1888. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

SANTOS, N. M. C. **Negras velhas**: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade. 2016. Projeto de Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Programa de Pós- graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016

MOREIRA, et al. Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional**. Revista Texto contexto Enfermagem**. vol.21 Nº.3 Florianópolis. 2012.

MOTTA, A. B da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu,** 1999.

OLIVEIRA, P S. **Cultura e Co-Educação de Gerações.** Instituto de Psicologia(USP); São Paulo, v. 9, n. 2. 1998.

VÁRIOS AUTORES. **Cadernos Negros 13**, São Paulo: Quilombo hoje, 1990, p. 32-33.